

Gabriel Andrade Magalhães do Vabo

“E os negros dessa terra?”: pesquisa em história oral sobre a participação dos negros na formação da sociedade friburguense

Projeto apresentado à professora Soraia Reolon, como trabalho final da disciplina Metodologias de Pesquisa, do Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Rio de Janeiro

Outubro/2020

Fundação Casa de Rui Barbosa

Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos

Mestrado Profissional em Memória e Acervos

Gabriel Andrade Magalhães do Vabo

**“E os negros dessa terra?”: pesquisa em história oral sobre a participação dos
negros na formação da sociedade friburguense**

Linha de Pesquisa 2: Práticas Críticas em
Acervos: Difusão, Acesso, Uso e
Apropriação do Patrimônio Documental
Material e Imaterial.

Rio de Janeiro

2020

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	3
1	OBJETIVOS	4
1.1	Objetivo geral	4
1.2	Objetivos específicos	4
2	JUSTIFICATIVA	4
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
4	METODOLOGIA	10
5	CRONOGRAMA DA PESQUISA	12
	REFERÊNCIAS.....	12

INTRODUÇÃO

A história da cidade de Nova Friburgo é apresentada no *site* oficial da Prefeitura Municipal¹ como tendo início na assinatura em 1818 do acordo entre os governos brasileiro e suíço para a criação de uma colônia, na região Serrana do estado do Rio de Janeiro, com famílias provindas do cantão de *Freiburg*. Nesse discurso adotado como oficial, prevalece uma visão colonizadora e eurocêntrica, que, ao eleger como marco fundador absoluto e único a vinda dos imigrantes suíços, e posteriormente alemães, acaba por ignorar e desqualificar um processo histórico mais antigo e complexo. A história da atual região de Nova Friburgo, para além da contribuição e participação dos imigrantes europeus, contou também com forte colaboração de outros grupos, como a dos indígenas das tribos puri, puri-coroado e guayacaz, a dos povos africanos escravizados e de seus descendentes (ARAÚJO; MAYER, 2003b).

A narrativa da colonização suíço-alemã transmite uma perspectiva da ocupação territorial contaminada com a ideia de que ali se encontrava um imenso “vazio demográfico”, enquanto na verdade desde meados do século XVIII já existia uma intensa atividade cafeeira, acontecendo em grandes latifúndios que desfrutavam de numerosa massa de trabalhadores escravizados (ARAÚJO, 2003a).

Já há algumas décadas, um grupo de historiadores friburguenses tem se dedicado a pesquisar, resgatar e identificar, ao longo dos séculos XVIII, XIX e início do XX, a participação de outros personagens que estiveram presentes ativamente na história e no cotidiano da sociedade friburguense. Estudos de Gioconda Louzada, Rodrigo Marretto, Janaína Botelho e João Raimundo de Araújo mostram a relevância em se discutir a presença dos negros, fato que durante muitos anos permaneceu em uma zona de sombra na memória da ocupação regional.

Porém, apesar dos estudos mais recentes reconhecerem em suas narrativas o negro na história friburguense, eles ainda são construídos sob a ótica colonizadora. Tal observação não visa desqualificar esses estudos, mas colocar a seguinte questão: esses estudos são resultados de pesquisas em fontes documentais escritas produzidas pelos setores da elite letrada friburguense. Considerando que no censo de 1872 toda a população negra escravizada foi declarada como analfabeta, dificilmente encontraremos registros escritos feitos por eles (IBGE, 1872). Desta forma, queremos dizer que as fontes escritas encontradas no arquivo da cidade retratam o negro pela visão dos homens brancos. Desta forma, para superarmos a máxima de

¹ www.pmnf.rj.gov.br/pagina/1_A-Cidade.html

que sem documento não há história, reconhecemos a história oral como campo real de produção de conhecimento sobre a população negra em Nova Friburgo (FENELON, 1996, p. 26).

1 OBJETIVOS

1.1 Objetivo geral

O objetivo desse trabalho surge em consonância com os recentes debates acerca da história local de Nova Friburgo, que vêm de forma contundente questionando a história tida até então como oficial. Desta forma, se propõe como objetivo central estudar e refletir a história dos negros de Nova Friburgo, tendo como base a análise de depoimentos realizados com membros da comunidade afrodescendente. Sendo assim, o projeto tem como eixo a análise das narrativas apresentadas ao longo das entrevistas realizadas, demonstrando que o trabalho segue a perspectiva da história oral.

1.2 Objetivo específico

Para alcançar o objetivo central exposto acima, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

1. Analisar, por meio de entrevistas, como a história local é pensada e reproduzida por friburguenses afrodescendentes, refletindo se há ou não uma perspectiva que reconheça a atuação dos seus antepassados na formação de Nova Friburgo.
2. Identificar se há narrativas ligadas à presença negra que vão além do passado escravagista, que destaquem a contribuição dessa comunidade nas esferas cultural, religiosa, política, esportiva, por exemplo.

2 JUSTIFICATIVA

Até o início dos anos 2000, a história de formação e fundação de Nova Friburgo era apresentada como um espaço europeu, colonizado majoritariamente por trabalhadores livres; ideologia construída entre os anos de 1910 e 1960 por diferentes grupos da elite local (ARAÚJO, 2003a). Recentemente, pesquisadores como João Raimundo de Araújo, Maria Janaína Botelho Corrêa e Rodrigo Marins Marretto resgatam uma linha de análise e investigação realizada

anteriormente de forma isolada em 1991 por Gioconda Lozada em seu livro *Presença Negra, uma nova abordagem da história de Nova Friburgo*. O trabalho de Lozada questiona o mito da Suíça brasileira e insere um novo personagem na história local, o negro.

Lozada e os pesquisadores atuais citados acima apresentam a região de forma mais complexa, como um conjunto de grandes latifúndios com mão de obra escrava e com atividades agrícolas que se direcionaram e se concentraram no decorrer do século XIX na produção cafeeira, visão bem diferente daquela que descreve a região apenas como um núcleo de imigrantes europeus. Lozada e os novos estudiosos, portanto, desmistificam a história oficial, que é quase um pequeno romance de “suíços desbravadores das brenhas do Morro Queimado”. Não que esteja errada, mas é uma história não problematizada e incompleta, que elegeu os suíços e alemães como únicos responsáveis pela formação desse núcleo urbano e negligenciou e silenciou a colaboração e participação ativa da população negra, formada por escravos e libertos que já estavam ali trabalhando nas fazendas da grande Cantagalo antes mesmo dos imigrantes europeus.

A grande Cantagalo, anteriormente referida, corresponde atualmente à área dos municípios de Cantagalo, Carmo, Sapucaia, Três Rios, parte de Teresópolis, Petrópolis, Cachoeiras de Macacu, Nova Friburgo, Sumidouro, Duas Barras, Bom Jardim, Cordeiro, Trajano de Moraes, Conceição de Macabu, Santa Maria Madalena, São Sebastião do Alto, parte de São Fidélis e Itaocara (LOZADA, 1991).

A própria vinda de imigrantes europeus para a formação da Vila de Nova Friburgo, a partir de 1820, foi uma forma de resolver os problemas de escassez e diminuição da mão de obra escrava, advinda com as políticas que pressionavam pelo fim do tráfico negreiro e do trabalho escravo e também mostravam preocupação com o desequilíbrio racial (MARRETTO, 2014).

Documentos e estudos mostram que a vinda de imigrantes europeus não atendeu, como esperado, o objetivo de sua introdução como mão de obra nas lavouras em substituição ao trabalho escravo. Muitos imigrantes possuíam qualificação profissional, o que lhes possibilitou estabelecerem-se e desenvolverem seus ofícios na recém-criada vila e assim não precisaram ir trabalhar nas fazendas. Outros se dedicaram à agricultura nas glebas doadas por Dom João VI, porém no cultivo de bens de consumo como o milho, batata e arroz, culturas que tiveram sua produção reduzida nas grandes fazendas com o crescimento e a necessidade de novas áreas para o plantio do café. Alguns desses imigrantes chegaram até a adquirir escravos para trabalharem em suas lavouras. Como podemos ver, a chegada dos europeus não dispensou nem diminuiu a

dependência da mão de obra negra escravizada na região. A região onde foi fundada a Vila de Nova Friburgo era cercada por fazendas com uma tradição de trabalho escravo de quase três séculos (CAPDEVILLE LAFORET, 2003).

Os trabalhos mais recentes, além de apresentarem as concepções de que a ocupação territorial de Nova Friburgo também foi realizada por negros e de que eles participaram dessa sociedade por meio de seu trabalho forçado, se debruçam em documentações que relatam e descrevem os negros de forma ativa e com protagonismo. São exemplos disso fatos até então pouco conhecidos, como a revolta de escravos em 1835 e a fuga dos escravos da Fazenda Ponte de Tábuas (LISBOA; MAYER, 2008).

Apesar dos grandes avanços em estudos sobre escravidão e do papel do negro na sociedade brasileira (nesse caso em Nova Friburgo), ainda temos um campo vasto a desbravar. Todos os trabalhos produzidos até o momento se valeram da pesquisa em arquivos com documentações escritas, sendo elas documentos paroquiais, cartoriais ou judiciais. Dessa forma, podemos dizer que há uma lacuna correspondente à necessidade de saber como essa história vem sendo discutida, apresentada, circulada e como se reproduz no imaginário e no discurso da população afrodescendente. Djamila Ribeiro (2019, p.75), em sua obra *Lugar de fala*, nos coloca que “os saberes produzidos pelos indivíduos de grupos historicamente discriminados, para além de serem contra discursos importantes, são lugares de potência e configuração do mundo por outros olhares e geografias”.

Deste modo, a pesquisa em história oral pode ser uma rica forma de revelar fatos e colocar novos personagens, questões novas e totalmente diversas daquelas advindas da materialidade escrita.

Os negros, apesar de já serem reconhecidos nas novas produções historiográficas, ainda são descritos e estudados a partir da perspectiva da documentação produzida pelos órgãos oficiais e da elite. Além disso, há informações da vida diária e da cultura material e imaterial que não possuem referências específicas em fontes escritas. Então somente fontes orais serão capazes de nos fornecer as informações desses povos iletrados ou grupos sociais cuja história escrita é falha, distorcida ou inexistente. Portanto, a relevância em se fazer um trabalho com história oral em Nova Friburgo está no fato de que entrevistas sempre revelam eventos e/ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas (PORTELLI, 1997).

Por fim, a história oral revela fatos novos ou diferentes dos já conhecidos, não apenas por esses não estarem registrados e documentados em papel, mas por conta do exercício que

quem relata tem que fazer ao buscar sentido no passado e dar forma à sua vida, e assim colocar a narração em seu contexto histórico. A história oral utiliza como fonte a memória para a compreensão de uma sociedade, a qual dá à história um campo de pesquisa considerável.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O que conhecemos como tradição oral é uma prática muito antiga, ligada aos contos populares, ao universo da comunicação humana. A história surgiu contada, até constituir-se na escrita do depoimento realizado, das impressões registradas, da legislação disciplinada em sólidas escritas que a legitimam. Tudo isso numa nítida vontade de perpetuar nosso passado (MATOS; SENNA, 2011). Nas palavras do britânico Paul Thompson,

O termo “história oral” é novo, assim como o gravador de fitas, e traz implicações radicais para o futuro. Mas isto não significa que ela não tenha um passado. De fato, a história oral é tão antiga quanto a própria história. Ela foi a primeira forma de história (THOMPSON, 1972).

A história, segundo Philippe Joutard, a partir do século XVII, constituiu-se cientificamente, em oposição a essa tradição oral. Esse paradigma histórico tradicional foi reforçado ainda mais pelo cientificismo do século XIX, quando historiadores como Ranke acreditavam na possibilidade de reviver o passado narrando os grandes feitos, fatos políticos e trajetórias heroicas, tal qual aconteceu, de forma objetiva e sem a necessidade de uma interdisciplinaridade (RIBEIRO, 2011).

As críticas a tal concepção de história estavam situadas no ataque geral às bases epistemológicas em que ela estava assentada. Os responsáveis pela crítica ao paradigma histórico tradicional foram os membros da primeira geração dos Annales, Marc Bloch e Lucien Febvre, ao propor uma nova maneira de pensar a história. A essa postura crítica ao tradicionalismo somavam-se também o repúdio às noções de verdade absoluta e objetividade. Essa ruptura possibilitou o desenvolvimento de temas diferentes e inovadores, surgindo uma nova historiografia que se preocupava com tudo, com os mais variados temas, em que não havia paradigmas, e a história seria subjetiva, ao contrário da história tradicional (BURKE, 1992). Nesse momento, percebe-se simultaneamente a crise da história e da escrita da história, uma crise no ofício do historiador e de sua relação com a sociedade.

A reintrodução e o advento da história oral aconteceram nesse contexto, no decorrer do século XX, mais especificamente nos Estados Unidos. A primeira experiência da história oral,

como uma atividade organizada, é de Allan Nevins, da Universidade de Columbia de Nova York, que, em 1948, fundou o Oral History Program, um núcleo que reunia arquivos de fontes orais e elaborava projetos pioneiros na área - inclusive Nevins foi quem cunhou o termo “história oral” (RIBEIRO, 2011). A partir de Nevins, outros historiadores passaram a constituir suas próprias instituições, lançaram revistas e realizaram vários seminários no campo da oralidade, reintroduzindo, assim, os agentes minoritários nos grandes processos históricos, com novos instrumentos analíticos e fontes, alterando a perspectiva historiográfica e deixando em segundo plano o quantitativo.

A história oral foi motivada também pelo advento das tecnologias de comunicação pós II Guerra, como o gravador e outras formas de registros audiovisuais.

Na Itália, já em fins dos anos 60, os antropólogos De Martino, Bosio e o sociólogo Ferraoti, com o objetivo de reconstruir a cultura popular, foram precursores da segunda geração de historiadores orais. Mais ambiciosos, não tomavam a fonte oral como um complemento ou ferramenta de pesquisa, mas sim como “outra história”. Essa nova forma de pensar surgiu em meio às novas bandeiras e movimentos surgidos com os conflitos de 1968, como, por exemplo, o feminismo e o sindicalismo. Pregava-se uma história alternativa em relação a todas as construções historiográficas a partir do escrito. Entretanto, na Espanha, a pesquisa com fonte oral foi empregada por poucas pessoas. Apenas Mercedes Vilanova se destacou por trabalhar sozinha nessa área na Universidade de Barcelona (MATOS; SENNA, 2011).

Dois encontros importantes marcaram o início da terceira geração, um em 1975, em São Francisco, e o outro em 1976, em Bolonha. Joutard destacou, na França, dois grandes projetos coletivos, realizados também no ano de 1975: o primeiro, centrado no debate sobre os arquivos orais da Previdência Social, e o segundo, voltado para uma pesquisa sobre os etnotextos, reunindo historiadores, etnólogos e linguistas (MATOS; SENNA, 2011).

Na América Latina, com destaque para o Brasil e México, também há um desenvolvimento em áreas como a história política e antropologia, por volta da década de 1970. No caso brasileiro, destaca-se como uma das primeiras experiências com história oral o projeto do Museu da Imagem e do Som - MIS/SP (1971), que objetivava a preservação da memória cultural brasileira. Outras experiências ocorreram em 1972 no Museu do Arquivo Histórico da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, e na Universidade Federal de Santa Catarina, onde foi implantado um laboratório de história oral em 1975. Porém, a experiência mais significativa talvez seja a do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil –

CPDOC, ligado à Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, que dispõe de um setor de história oral desde a sua fundação, em 1975 (FREITAS, 2006).

Após essa terceira geração, houve uma consolidação nesse campo de estudo a partir da criação de verdadeiros grupos de historiadores orais. Na Itália, por exemplo, surgiu um projeto de história oral sobre o mundo operário, lançando, assim, um verdadeiro manifesto sobre história oral como meio de estudar as classes populares (MATOS; SENNA, 2011).

Citando mais uma vez os Estados Unidos, cabe lembrar que seu *boom* de história oral foi no final dos anos 60 e início dos 70, tendo como marco em 1967 a fundação da Oral History Association (OHA), que publica, anualmente, a *Oral History Review*. Também podemos mencionar a proliferação de programas de história oral em outras universidades como em Berkeley, na Califórnia, centros de pesquisa e instituições ligadas aos meios de comunicação, como o New York Times Oral History Programm, estabelecido em 1972 (FREITAS, 2006).

Os anos de 1980 foram propícios à história oral, quando se difundiram reuniões internacionais, criando uma verdadeira associação de historiadores orais. Na mesma direção, a década de 1990 marcou a quarta geração. Em decorrência de fatos conjunturais, que deram margem para sua expansão, tais como a queda do muro de Berlim, os acontecimentos no Leste Europeu, os estudos stalinistas, as fontes orais foram mais amplamente exploradas. Muitos historiadores passaram a compreender a importância da história do tempo presente, para a qual as fontes orais são essenciais (MATOS; SENNA, 2011).

No campo da historiografia do negro no Brasil, sobretudo em relação às trajetórias, memórias e práticas culturais dos descendentes dos escravizados na região da antiga província do Rio de Janeiro, destaca-se o trabalho do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (LABHOI/UFF), sob a direção geral das historiadoras Hebe Mattos e Martha Abreu. A coletânea de quatro filmes, intitulados *Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-Abolição* (2005), *Jongos, calangos e folias: música negra, memória e poesia* (2007), *Versos e cacetes: o jogo do pau na cultura afro-fluminense* (2009) e *Passados e passados presentes: memória negra no sul fluminense* (2011), constituem estudos de referência sobre a cultura popular e a tradição oral das populações afrodescendentes e um aparato teórico-metodológico importantíssimo na tentativa de desenvolver formas de narrativa historiográfica a partir de uma escrita audiovisual.

5 METODOLOGIA

A metodologia do presente estudo tem como ponto de partida uma pesquisa em bibliografia específica, arquivos, bibliotecas, além da análise de fontes primárias sobre a história de formação da sociedade friburguense. Recorrer a documentações secundárias e fontes primárias propiciará conhecer melhor o tema, possibilitando ao entrevistador e pesquisador se sentir mais seguro na realização de uma entrevista e na escolha dos depoentes. Além disso, antes mesmo de se pensar em história oral, é preciso haver questões, perguntas, que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação (ALBERTI, 2005).

Algumas fontes a serem consultadas e estudadas são os documentos históricos que estão disponíveis no Centro de Documentação D. João VI, instituição que trata da guarda e preservação da documentação referente à história de Nova Friburgo. Outras fontes que merecem ser analisadas e que podem dar grande contribuição no estudo são documentos disponibilizados para consulta e pesquisa pela Paróquia Sant'Ana de Japuíba, distrito de Cachoeiras de Macacu (município vizinho a Nova Friburgo), que falam sobre os escravizados da região e vizinhanças – certidões de batismo, cartas de alforria, entre outros documentos que datam do século XVIII e XIX.

As fontes mencionadas anteriormente que serão estudadas tratam de documentação escrita, produzida por uma elite letrada, sendo assim um discurso seletivo e que retrata a visão de apenas uma parcela da população, daquela que sabia ler e escrever. Logo, proponho realizar entrevistas com moradores e famílias friburguenses afrodescendentes, não predominantemente orientadas por critérios quantitativos, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência de vida (ALBERTI,2005). Por se tratar de um recorte histórico – século XIX e início do XX – em que não encontraremos pessoas que participaram, viveram e presenciaram, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema com seus ancestrais, pais e avós, por exemplo, e que possam fornecer depoimentos significativos.

O processo de seleção de entrevistados em uma pesquisa de história oral se aproxima, assim, da escolha de informantes em antropologia, tomados não como unidades estatísticas, e sim como unidades qualitativas – em função de sua relação com o tema estudado –, seu papel estratégico, sua posição no grupo etc. (ALBERTI,2005). Partindo desse pressuposto e dos conhecimentos advindos da pesquisa e estudos em outros trabalhos e fontes, pretendo escolher primeiramente moradores considerados “chaves”, de acordo com o critério de antiguidade na comunidade e origem social, com conhecimento amplo e detalhamento das circunstâncias que

tenham envolvido o foco em análise, disponibilidade e capacidade para expressar o essencial sobre o assunto tratado (TRIVIÑOS, 1987).

Será usada a técnica conhecida como “bola de neve”, onde cada entrevistado indica outra pessoa a ser entrevistada, a qual julga ser referência para o estudo. Esta técnica é relevante nesse tipo de trabalho por ser factível o surgimento, no decorrer da pesquisa, de nomes antes não considerados. Durante a realização de uma entrevista, por exemplo, pode acontecer de determinado entrevistado chamar a atenção para a atuação de um terceiro, antes desconhecido, cujo depoimento passe a ser fundamental para a pesquisa. Novos atores e/ou testemunhas podem também surgir a partir do estudo mais detalhado da documentação sobre o assunto, que pode trazer informações sobre o envolvimento de outras pessoas no tema (VEIGA; GODIM, 2001).

Para produção desse material, proponho entrevistas não estruturadas e semiestruturadas. Nas entrevistas não estruturadas, nas quais é permitido ao entrevistado decidir pela forma de construir a resposta, a entrevista flui de forma mais aberta possível, resultando numa aproximação maior entre o informante e o pesquisador (LAVILLE; DIONNE, 1999). O entrevistado pode relatar livremente suas experiências, seu modo de vida e a forma com que se relaciona com o tema em questão.

Por fim, o uso de entrevistas semiestruturadas consistirá na técnica de coleta de dados para obter informações verbais de uma parcela representativa de uma população por meio de um pequeno número de perguntas abertas (GIL, 1991). Essas entrevistas são caracterizadas por indagações simples, apoiadas em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema central do estudo. Os questionamentos dão origem a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes (TRIVIÑOS, 1987).

6 CRONOGRAMA

Atividades	2020							2021							2022										
	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	
Modificações no projeto para atender as críticas	■	■																							
Análise de documentação secundária e de fontes primárias			■	■	■	■																			
Revisão bibliográfica		■	■	■	■																				
Estruturação das entrevistas – pesquisa e escolha dos possíveis depoentes							■	■																	
Realização das entrevistas								■	■	■	■	■	■	■											
Análise e processamento									■	■	■	■	■	■	■	■									
Realização das disciplinas	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■															
Redação do texto para qualificação									■	■	■														
Qualificação											■														
Finalização do texto para a defesa												■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Correções do texto																						■	■		
Defesa																									■

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3 ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

ARAÚJO, João Raimundo de. *Nova Friburgo: a construção do mito da suíça brasileira (1910-1960)*. 2003. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003a.

ARAÚJO, João Raimundo de; MAYER, Jorge Miguel. Construindo a história de Nova Friburgo. In: *Teia serrana: formação histórica de Nova Friburgo*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003b. p. 13-17.

ARAÚJO, João Raimundo de. Nova Friburgo de vila a cidade. In: ARAÚJO, João Raimundo de; MAYER, Jorge Miguel (org.). *Teia serrana: formação histórica de Nova Friburgo*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003c. p. 165-180.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CAPDEVILLE LAFORET, Maria Regina. A colônia de Nova Friburgo. In: ARAÚJO, João Raimundo de; MAYER, Jorge Miguel (org.). *Teia serrana: formação histórica de Nova Friburgo*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003. p. 47-77.

CORRÊA, Maria Janaína Botelho. *O cotidiano de Nova Friburgo no final do século XIX: práticas e representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUCAM, 2008.

FENELON, Déa Ribeiro. O papel da história oral na historiografia moderna. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *(Re)Introduzindo história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã/Universidade de São Paulo, 1996.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 1991. 176 p.

FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: procedimentos e possibilidades*. 2ª ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Recenseamento geral do Brasil 1872*. Rio de Janeiro, 1872. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/Recenseamento_do_Brazil_1872/Imperio%20do%20Brazil%201872.pdf. Acesso em: 30 out. 2020.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas. 1999. 344 p.

LISBOA, Edson de Castro. Café e escravidão em Nova Friburgo no século XIX. ARAÚJO, João Raimundo de; MAYER, Jorge Miguel (org.). *Teia serrana: formação histórica de Nova Friburgo*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003. p. 79-105.

LISBOA, Edson de Castro; MAYER, Jorge Miguel. *Os crimes da fazenda Ponte de Tábuas. Um estudo sobre escravidão em Nova Friburgo no século XIX*. Nova Friburgo: Marca Gráfica e Editora, 2008.

LOZADA, Gioconda. *Presença negra: uma nova abordagem da história de Nova Friburgo*. Niterói: EDUFF, 1991.

MARRETO, Rodrigo M. *A Escravidão velada: a formação de Nova Friburgo na primeira metade do século XIX*. 2014. Dissertação (mestrado em história social). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski. *História oral como fonte: problemas e métodos*. *Historiæ*, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/issue/view/337/showToc>. Acesso em: 21 jul. 2020.

MATTOS, Hebe Maria. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista – Brasil século XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

MAYER, Jorge Miguel. A criação de Nova Friburgo. In: ARAÚJO, João Raimundo de; MAYER, Jorge Miguel (org.). *Teia serrana: formação histórica de Nova Friburgo*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003. p. 19-45.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Proj. História, São Paulo, 1997. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819741/mod_resource/content/1/PORTELLI%2C%20Alessandro%20E2%80%93%20O%20que%20faz%20a%20hist%C3%B3ria%20oral%20diferente.pdf. Acessado em: 30 out. 2020.

RIBEIRO, Antonio Marcos de Almeida. História Oral Brasileira: trajetória e perspectivas. *Revista de teoria da história*. Ano 3, Número 6, Universidade Federal de Goiás; dez/2011. p. 108-121.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RIOS, Ana Maria Lugão; CASTRO, Hebe Maria Mattos de. *Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SANGLARD, Gisele. De Nova Friburgo a Fribourg através das letras: a colonização suíça vista pelos próprios imigrantes. In: *Manguinhos: história, ciências, saúde*. Rio de Janeiro. vol. 10(1):173-202, jan.-abr. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702003000100006> . Acesso em: 5 ago. 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil-1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

THOMPSON, Paul. Problems of method in oral history. In: *ORAL HISTORY JOURNAL*, Essex, n. 4, p. 5, march, 1972.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Ed. Atlas, 1987.

VEIGA, Luciana; GONDIM, Sônia Maria Guedes. A Utilização de Métodos Qualitativos na Ciência Política e no Marketing Político. *Opinião Pública*, Campinas, Vol. VII, nº1, p. 1-15, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/op/v7n1/16930.pdf>. Acesso em: 31 out. 2020.